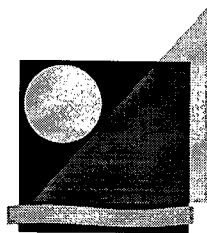
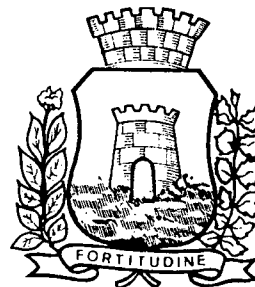


Lei: nº 7189 de 16.07.92
D.O.M: nº 9915 de 27.07.92
Sancionada



CÂMARA
MUNICIPAL
DE FORTALEZA

Trabalhando junto com o povo



DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DIGITALIZADO

EM: 13/11/00

Réga Roberta Otade
FUNCIONÁRIO

DATA 09 / 06 / 92

PROJETO DE LEI Nº

143/92

ASSUNTO

Denomina Dr. José Fernandes uma artéria
de Fortaleza e adota outras providências.

VEREADOR

Augusto Gonçalves

LEI Nº

7189

DE

16

/

07

/

92

DIOM Nº

9915

DE

27

/

07

/

92

ARQUIVO

14.08.92



Lei: 071891992

Projeto: 01431992

Autor: AUGUSTO GONCALVES

Assunto: R JOSE FERNANDES





CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 7189 DE 16 DE julho DE 1992.

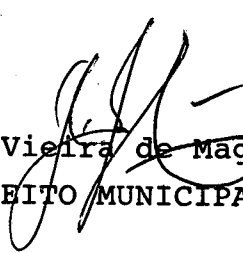
Denomina Dr. José Fernandes uma artéria de Fortaleza e adota outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Denomina Dr. José Fernandes uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

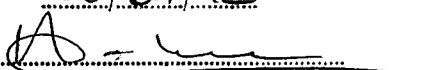
PALÁCIO DA CIDADE, EM 16 DE julho DE 1992.


Juraci Vieira de Magalhães
PREFEITO MUNICIPAL

FAO

Ao Departamento Legislativo

30/07/92


Diretora Geral



COMISSÃO DE URBANISMO
DESIGNO O VEREADOR João
João COMO RELATOR
Em 11/06/92 João
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

PROJETO DE LEI Nº 143 / 92

A COMISSÃO DE URBANISMO

Em 40/06/92

Presidente

DENOMINA DR. JOSÉ FERNANDES UMA
ARTÉRIA DE FORTALEZA E ADOTA /
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

APROVADO EM 1ª DISCUSSÃO

Em 16/06/92

PRESIDENTE

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA :

APROVADO EM 2ª DISCUSSÃO

Em 17/06/92

PRESIDENTE

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

Em 17/06/92

PRESIDENTE

ART. 1º - Denomina Dr. José Fernandes uma artéria de Fortaleza .

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Vereador - Augusto Gonçalves

03-06-92.



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

J U S T I F I C A T I V A

Nascido em Queimadas - Maranguape aos 04 de janeiro 1909, o Dr. José Alves Fernandes de Almeida, teve sua brilhante carreira / como um exemplo maior do homem digno.

Médico Pediatra, Professor Catedrático da Cadeira de Puericultura da Faculdade de Medicina da UFC, Professor de Português (Colégios Cearense e Farias Brito), Professor de Biologia (Colégio Imaculada), / Professor de Literatuara da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, Professor de Biologia, (Colégio Militar de Fortaleza), dirigiu o Departamento de Educação e Cultura da UFC.

Pertenceu as Entidades Culturais da Sociedade Brasileira de Pediatria, Centro Médico Cearense, Fundador e 1º Presidente da Sociedade Cearense de Pediatria, Sócio efetivo e depois honorário e benemérito da Associação Cearense de Imprensa, Sócio do Lions Club de Fortaleza, cujo boletim informativo era Redator e Editor, Sócio Fundador do / Instituto Nordeste, Fundador e 1º Diretor do Semanário A Fortaleza, Sócio da Associação Cultural Franco Brasileira, Membro do Conselho Consultivo da APAE-Ce, Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa / onde foi fundador e 1º secretário.

Em suas atividades publicitárias foi redator, ainda, do Ceará Médico, publicou trabalhos relativos a Pediatria, e, Puericultura, colaborou com trabalhos médicos como também sobre assuntos de linguagem.

Representou a Sociedade Cearense de Pediatria em Salvador / em 1945, em Recife 1951 representou o Ceará na Jornada Brasileira de / Pediatria, como também em Petrópolis em 1962 na I Conferência sobre o Ensino da Pediatria no Brasil, assim como na XIII Jornada Brasileira / de Pediatria e Puericultura em Porto Alegre 1964, bem como na II Con /



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

... ferência sobre o Ensino da Pediatria no Brasil em São Paulo /
1972, representou o D E C da UFC na reunião da COLTED, no Rio 1967, /
bem como o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFC
na II Reunião Brasileira de Neonatologia em Brasília 1970.

Com o mérito que lhe é devido, merece esta justa homenagem.

Vereador - Augusto Gonçalves



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE URBANISMO

PARECER Nº 41 /92

Ao Projeto de Lei nº 143/92

~~Dispensado de parecer e voto~~
~~em 12.06.92~~
~~10/7~~

O Vereador Augusto Gonçalves submeteu a apreciação do Plenário desta Casa o incluso Projeto de Lei que "Denomina Dr. José Fernandes uma artéria de Fortaleza".

Consideramos justa a elaboração do presente projeto de lei, vez que o homenageado representou pessoa da mais alta consideração no meio de toda a sociedade cearense.

É o nosso Parecer.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes
da Câmara Municipal de Fortaleza, em 11 de junho de 1992.

Augusto Gonçalves RELATOR
Guilherme

PRESIDENTE [Assinatura]



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 143/92.

APROVADO
Em 29.06.1992

PRESIDENTE

Denomina Dr. José Fernandes uma artéria de Fortaleza e adota outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Denomina Dr. José Fernandes uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 23 de junho de 1992.

PRESIDENTE



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

MAPR

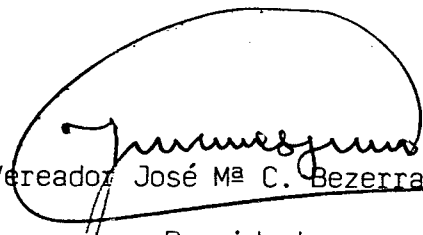
Ofício nº 832 /92

Fortaleza, 25 de junho de 1992.

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 47 da Lei Orgânica Municipal, tenho a satisfação de encaminhar a V.Exa., o presente autógrafo de lei aprovado por esta Câmara, que "DENOMINA DR. JOSÉ FERNANDES UMA ARTÉRIA DE FORTALEZA E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

Cordialmente,


Vereador José Mª C. Bezerra
Presidente

Exmo. Sr.

Dr. JURACI MAGALHÃES

DD: Prefeito Municipal de Fortaleza

Nesta



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº DE DE 1992.

Denomina Dr. José Fernandes uma artéria de
Fortaleza e adota outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Denomina Dr. José Fernandes uma
artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data
de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DA CIDADE, EM DE 1992.

Juraci Vieira de Magalhães
PREFEITO MUNICIPAL

FAO

EVOCANDO A FIGURA DE JOSÉ FERNANDES

Antônio Pessoa Pereira

Abalado ainda por profunda emoção, presto a derradeira e carinhosa homenagem a José Fernandes, sócio titular da Cadeira nº 2 e secretário, por mais de uma vez, da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Como o de Lamartine Farias e o de Mário Baratta, o desaparecimento do professor José Fernandes foi um rude golpe na estrutura da nossa Academia.

Isto porque, embora, em vida, muitos o conhecessem ou privassem superficialmente de sua amizade, por certo lhes escapariam algumas facetas que, se conhecidas, tornariam maior e mais evidente a grandeza da alma, a cultura e o valor moral do companheiro cuja morte todos lastimamos.

A modéstia e o insopitável espírito de renúncia, que se nimbam de tanto encanto e de beleza tanta, privam-nos, vezes sem conta, de contemplar a face verdadeira das almas puras, sábias e generosas.

Às vezes, é necessário que ocorra um fato inédito, uma missa de 7º dia, para que, por entre palavras repassadas de carinho e de sincera amizade, verdadeiro e eloquente panegírico do homenageado, venha pessoa amiga, Monsenhor André Viana Camurça, e proclame, ecoando na grande nave da igreja do Pequeno Grande que, nos fins de ano, por ocasião da leitura de notas, os prêmios e medalhas que se outorgavam aos alunos mais brilhantes, José Fernandes, seu companheiro de seminário e colega de D. Raimundo de Castro e Silva, arrebatava-os todos.

E isto no tempo em que o augusto Seminário da Prainha, com a seriedade dos estudos clássicos e humanísticos, lançava às imensas plagas brasileiras um seletto pugilo de varões ilustres que, ainda hoje, honram e dignificam o clero e o laicato na pessoa de seus bispos admiráveis, conspícuos sacerdotes e religiosos e a pujante plêiade de excelentes e cultos ex-seminaristas.

Por vezes, como já disse, é preciso que, à beira da sepultura, surja o amigo dedicado, o ex-aluno agradecido, o oftalmologista Francisco José Barros de Oliveira, e exalte, do íntimo da alma, a figura de José Fernandes, fundador, como tantos ilustres pioneiros, da veneranda Faculdade de Medicina da Universidade do Ceará, a cuja cadeira de Puericultura emprestou o brilho da sua inteligência e a persistente dedicação ao magistério.

É ele, ainda, Francisco José, quem evoca a contribuição magnífica do companheiro do Lions Club que, por mais de duas décadas, com o desvelo, a perseverança e o alegre espírito de companheirismo, ao lado de Edmilson Barros de Oliveira, seu colega de infância, e de tantos vultos representativos da sociedade cearense, manteve acesa e bruxuleante a chama viva do boletim noticioso e humorístico daquela agremiação.

Também ali, à beira do sepulcro, o Dr. Heládio Feitosa, médico e amigo de todas as horas, traça o perfil moral, o caráter e extraordinário espírito de fé e religiosidade daquele que, por mais de quatro décadas, participou, de maneira assídua, atuante e dignificante, de todos os retiros espirituais, programados e realizados sob os auspícios da Sociedade Médica S. Lucas, aos quais acorria, sob o comando do ilustre jesuíta, Pe. Monteiro de Cruz, a fina flor da intelectualidade de médicos católicos do Ceará.

A faceta, portanto, do médico católico, que não se furtava ao prazer e ao dever de praticar o bem, que parecia impregnado da singela sabedoria do aforismo, *opus divinum sedare dolorem*, acha-se aqui plenamente justificada e se engrandece com o depoimento de tantos que, por vários anos, no Educandário Eunice Weaver, ao tempo da gestão da extraordinária heroína, que foi Lucinda Pires, receberam abnegada assistência médico-odontológica de Válder Cantídio, José Fernandes e Demócrito Freire.

Explica-se, também, e se justifica, por esse prisma, a escolha e indicação do professor José Fernandes para mordomo da egrégia Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza.

Tudo isto embeleza e dá esplendor à moldura em que se encaixa o retrato do querido amigo há pouco desaparecido.

Mas, ficaria inacabado o esboço que tentei, se deixasse de lado alguns lances, mesmo vagos e difusos, do ilustre ocupante da cadeira que tem como patrono o professor Antônio Ferreira dos Santos.

Como ele, também o professor José Fernandes é um nome que honra, em plenitude e dignidade, a cadeira que ocupou nesta Academia, por seus predicados de homem culto, com vínculos fortíssimos no magistério, sensível à música e à poesia, intransigente na defesa da língua portuguesa, que ele tão magistralmente manejava, burilando-a, aprimorando-a e deixando-a resplandecente em seus discursos, no soneto de fina sensibilidade, na quadrinha primorosa, nas páginas de jornal e até na difícil arte de polemizar, atributo por excelência e tão do agrado do patrono de sua cadeira na Academia.

Além disso, não apenas durante os estudos humanísticos, mas na sua vida pós-seminário, José Fernandes lança-se à luta com denodo e confiança, secundado sempre nas forças supremas do saber, não só "de experiência feita", mas haurido e assimilado em livros e publicações especializadas.

Os que com ele conviveram mais de perto lembram-se de que, nas incursões pelo magistério, ele se embrenhou, em tempos mais difíceis, pelo Colégio São Luís, do Pacoti, cujo diretor, o Cônego José de Lima, por sugestão

sua, arrastou, também, o poeta, pintor e fotógrafo Otacílio de Azevedo, imortal da Academia Cearense de Letras, a fim de pintar cenários para representações de peças de teatro por onde, também, o Dr. José Fernandes, na juventude, ali e em Redenção, incursionara com leveza e pleno de entusiasmo.

Depois, em busca de melhores horizontes, estivera, a convite de amigos, lecionando Português e outras disciplinas, no Colégio Santa Luzia, de Mossoró, na cidade de Aurora e no Crato, até que regressou a Fortaleza, quando, no Colégio Castelo, sob a direção profícua e transparente do Dr. Sila Ribeiro, seu amigo, foi regente de disciplina, redator e principal organizador de *Terra da Luz*, excelente revista estudantil, autor do hino do colégio e, ao lado de companheiros que se projetaram na cátedra, no jornalismo e no parlamento, dentre eles, Válter e Ari de Sá Cavalcante, concluiu os preparatórios, que não lhos dava, nesse tempo, o estudo do seminário.

Por essa época, José Fernandes, inteligente, brilhante e de memória fabulosa, ao lado do Pe. João Saraiva Leão, Vigário de Redenção, terra dos verdes canaviais e berço da liberdade, deixou-se empolgar pela idéia de se comemorar, com toda a pompa e dignidade, o cinquentenário de libertação dos escravos daquele município.

A idéia, uma vez lançada, teve aceitação plena de toda a comunidade que, aliás, aceitando-a, concordou em que se erigisse, em praça pública, um monumento que assinalasse condignamente aquele acontecimento.

Na opinião de alguns, a ereção de um busto da Princesa Isabel, a Redentora, calharia como o mais perfeito símbolo da gratidão de um povo e da festiva comemoração daquele magno evento.

Outra ala, porém, da qual fazia parte grande número de redencionistas residentes em Fortaleza, era da opinião de que, para um fato tão auspicioso, nada mais digno do que um majestoso obelisco em uma das praças da cidade, o que, de fato, ali está, como, também, noutra praça, o busto de D. Isabel, a augusta filha de S. Majestade, o Imperador, D. Pedro II.

Para a cidade, tudo muito bem. Tudo muito enriquecedor do patrimônio histórico de Redenção.

Ocorre que, se o fato da existência de dois monumentos se apresenta, para muitos, com tanta naturalidade, não assim para os coevos do Dr. José Fernandes, que acompanharam com vivo interesse as pugnas de caráter histórico, lingüístico e sentimental que se travaram pelas páginas de jornais da época: *Gazeta de Notícias*, *O Nordeste*, *Correio do Ceará* e *Unitário*, com réplicas e tréplicas e res, non verba tão acaloradas que, ainda hoje, quando contemplo aqueles monumentos, acorre-me à mente, instintivamente, a figura de José Fernandes, Perboyre e Silva e outros mais, envolvidos, todos eles, naquelas longas e inconseqüentes logomaquias.

E, neste momento, quando tento apresentar a meus colegas outra das facetas do professor José Fernandes, vem-me à mente a pergunta: — será que o espírito polêmico, que foi o apanágio do ilustre Patrono da Cadeira

n. 2. Antônio Ferreira dos Santos, já estaria, àquela época, no espírito de luta do jovem José Fernandes e o influísse, posteriormente, na escolha deste nome como patrono de sua cadeira, na Academia Cearense da Língua Portuguesa?

Mas, volvamos ao nosso biografado.

José Fernandes resolve estudar Medicina.

Viaja à Bahia, prepara-se, em curto espaço de tempo, num dos afamados cursos de repasse das disciplinas mais importantes e, após as provas, o estudante cearense, sem recursos e enfrentando o desconhecido em terra estranha, conquista, em um vestibular constituído de mais de trezentos jovens de todos os recantos do País, um bem merecido 8º lugar.

A fim de custear os estudos, ao lado de Joaquim Eduardo Alencar, Carlos Pamplona e outros, aprende taquigrafia com relativa rapidez, capta a essência das disciplinas do curso, dá-lhes forma e substância, e mimeografa pontos, que irão constituir o embasamento médico da numerosa clientela de colegas da secular Faculdade de Medicina da Bahia.

Forma-se médico. Regressa a Fortaleza, presta colaboração à Secretaria da Saúde, ao lado do companheiro de faculdade, Valdemar de Alcântara e, enfrentando, ainda, grandes dificuldades do meio e de quem inicia nova profissão, submete-se, pouco depois, a concurso de língua portuguesa no Colégio Militar de Fortaleza, sofre esperada derrota, mas, ciente de que *audaces fortuna juvat*, inscreve-se, no ano seguinte, em novo concurso, logrando, desta vez, o merecido 1º lugar de língua portuguesa e, como era natural, o 2º de francês, que ele tão bem praticava.

Com José Fernandes, constituía-se, naquele estabelecimento, uma brilhante equipe de professores, que viriam, anos depois, engrossar as fileiras do magistério da Faculdade de Filosofia Católica do Ceará e, posteriormente, da Universidade Federal do Ceará.

Paralelamente às suas atividades profissionais, desenvolvem-se, em sua vida, atividades de cunho social, filantrópico e cultural.

Assim é que, a convite do Pe. José de Arimatéia Diniz, de Vicente Gaspar de Oliveira, Jesus Costa Lima e outros, assume a direção do jornal *A Fortaleza*, do Círculo de Operários Cristãos, organiza e executa, pelas ondas da Ceará Rádio Clube, um programa de esclarecimentos sobre a ação social da Igreja e, ultimamente, já há mais de dois anos, mantém semanalmente, na *Rádio Universitária*, sem nenhum ônus para aquela emissora, um programa selecionado e de alto nível, "Vozes de ontem e de hoje", sobre música clássica, o bel-canto, o clássico ligeiro e a melhor e mais tradicional música popular, profana ou religiosa, do Brasil e do estrangeiro.

José Fernandes, sob o influxo, talvez, da majestade do canto gregoriano, desenvolveu e ampliou a sua extraordinária percepção musical, tornando-se, merecidamente, um *expert* na música de câmara, na ópera, no concerto, que

ele, com apurado bom gosto, lançava ao ar pelas ondas, ainda puras, da *Rádio Universitária* de Fortaleza.

Particpei modestamente do enlévo com 'que ouvia música, do carinho e entusiasmo com que se referia, quase que familiarmente, a Liszt, Wagner, Beethoven ou ao Pe. José Maurício, cujo nome deu no batismo a um de seus filhos.

A sua imensa discoteca, que ele se esmerava em preservar regravando músicas em modernas fitas cassete, há de ser, por muito tempo, a perpetuadora de seu espírito, de sua sensibilidade e de seu devotamento à divina arte.

Este o José Fernandes que eu conheci.

Este o querido amigo e companheiro que a Academia e todos nós perdemos.

A VOCAÇÃO FILOLÓGICA DE JOSÉ FERNANDES

F.S. Nascimento

Aos que haverão de escrever sobre o médido e professor José Fernandes, desaparecido dias atrás, gostaria de contribuir com as presentes anotações. Em 1966, nomeado pelo seu colega de profissão e magistério, magnífico Reitor Fernando Leite, o querido mestre da Faculdade de Medicina e do Colégio Militar de Fortaleza assumia a direção do Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal do Ceará. Na época, encontrava-me à frente da Divisão de Intercâmbio Cultural, e o relacionamento funcional entre o superior e o subordinado não tardou a ser fortalecido por um diálogo bem mais interessante do que o das atribuições, de natureza burocrática.

Tudo começou por uma referência ao filólogo Antônio Ferreira dos Santos e às suas *Controvérsias Grammaticaes*, reunidas em volume desde 1920 pela Tipografia Minerva, de Assis Bezerra. Nessa obra, além de Paulino de Brito, os nomes de Cândido de Figueiredo e Gonçalves Vianna começavam a ser mencionados a partir da folha de rosto, e justamente aos dois filólogos portugueses tivera de recorrer inúmeras vezes para o abono de posições assumidas na seção "Caturrices", por dois anos mantida no pequeno jornal *A Classe* (Crato, 1949-1950).

Conquanto de gerações diferentes, mas ambos marcados indelévelmente pelos exercícios de análise léxica e sintática, não ficaríamos limitados aos torneios de controvérsias entre renomados filólogos brasileiros e portugueses, falando-se do ensino sistemático da língua vernácula e das gramáticas e obras afins compulsadas, que os mestres da matéria não resistiam ao fascínio de mencioná-las. Ouvido e sabido tudo, isso em plena sala de aula, vinha-me a indagação: com que fundamento se poderia acoimar de autodidata aquele que, afora a iniciação pré-primária da carta de *a-b-c* e da tabuada de Aritmética, ao longo de doze anos teve como obrigação escolar aprender as funções léxicas e seus atributos na organização da frase, indo esse dever de conhecimento até a análise de uma ou mais estrofes de *Os Lusíadas*?

Na verdade, para chegar a esse estágio sabíamos não bastar recorrer aos ensinamentos de Eduardo Carlos Pereira, em sua *Gramática Expositiva*

(curso superior), nem às lições excepcionalmente comentadas de FTD no *Manual de Língua Portuguesa* (gramática, lexicologia, análise e composição para uso das escolas secundárias). Para atingir suas ambições de futuros escritores ou jornalistas, os chamados bons alunos desse tempo ganhavam o hábito de folhear outros compêndios normativos, familiarizando-se com os nomes de João Ribeiro, Alfredo Gomes, Ernesto Carneiro Ribeiro, Maximino Maciel, Carlos Góis, Othoniel Motta, Sampaio Dória e tantas outras autoridades brasileiras na especialidade.

Quando a sede de conhecimentos transpunha as barreiras da gramática expositiva ou normativa, alguns alunos ainda se atreviam a manusear a bibliografia de famosas contendas filológicas, e dava-se o acesso à *Réplica* de Rui Barbosa, à *Tréplica* de Carneiro Ribeiro, à extensa e diversificada obra de Cândido de Figueiredo, aos *Fatos da Linguagem* de Heráclito Graça ou às *Controversias Grammaticaes* de Ferreira dos Santos. Tendo ponto de vista firmado sobre esses e outros vultos da filologia portuguesa, o professor José Fernandes encontrava sempre uma oportunidade para exaltar a visão lingüística do seu autor preferido.

A exemplo do que Martinz de Aguiar realizaria em Fortaleza ou Aluísio Epitácio e o Padre Rodolfo Ferreira da Cunha adotariam na cidade do Crato, Ferreira dos Santos, parece, se comprazia em demonstrar a sua fortuna lingüística até no exercício da cátedra, com isso se beneficiando seus discípulos. E, consciente da transitoriedade de sua doação em ensinamentos, externava por escrito o que pretendia: "deixar consignado em uma publicação duradoura um fragmento das despretensiosas lições de língua vernácula, *que ministro aos meus alunos*" (p. 9). Um mestre que assim procedia, tão-somente reivindicando como dividendo do seu trabalho a ressonância duradoura e justa de sua obra, só podia mesmo ser lembrado com admiração e respeito, e esse duplo sentimento era impreterivelmente externado pelo professor José Fernandes.

E, efetivamente, cumprido o desejo de Ferreira dos Santos, tornava-se admissível que suas *Controversias Grammaticaes* chegassem a responder a determinadas consultas com a mesma precisão do *Compêndio de Gramática Histórica* de J.J. Nunes, da *Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira ou, para não ir adiante, da *Gramática Histórica* e da *Formação de Palavras e Sintaxe do Português* de M. Said Ali. E comprovava-o esta lição: "Os vocábulos da língua portuguesa formaram-se por dois processos: ou se perpetuaram pela tradição oral dos habitantes da Lusitânia, que os receberam de seus ascendentes, autóctones ou emigrados, e neste caso sofreram a influência das múltiplas e nem sempre determinadas causas, a cujo favor se modificaram; ou foram adotados do latim, do grego e de outros idiomas pelos nossos escritores, que lhes respeitaram a integridade morfológica, afeiçoando-os à índole do Português" (p. 9).

De excepcional apuro auditivo, o professor José Fernandes não deixava passar sem reparo a má colocação de um pronome na organização convencional

da frase. E certamente lhe doía encontrar na própria obra do seu patrono Ferreira dos Santos, na transcrição do estudo *O papel do ritmo na linguagem*, da autoria de Paulino de Brito, displicências como estas: "Sei agora não somente que a *fonologia* é o tratado geral dos fonemas... mas também que esta distingue-se daquela em que a fonética ocupa-se dos elementos acústicos e a prosódia dos elementos rítmicos do fonema" (p. 54). Não seria diferente a sua reacção, ao dar-se à tarefa de uma leitura crítica de *A Carne* e do *Padre Belchior de Pontes*, do gramático-romancista Júlio Ribeiro. E daí um melhor sentimento de tolerância à revolução antipronominal de José de Alencar em favor do estilo coloquial da maioria da gente brasileira.

Em sua coluna de *O Povo*, de 20 de maio, Edmundo Vitoriano dizia que o professor José Fernandes tinha uma palestra por fazer sobre o filólogo António Ferreira dos Santos, seu patrono na Academia Cearense de Língua Portuguesa. Naturalmente, a revista dessa entidade incluirá esse trabalho num dos seus próximos números. Estou certo de que esse texto haverá de ser duplamente consagrador, por um lado ratificando a grandeza do autor das *Controversias Grammaticales*, e por outro, oferecendo implicitamente a dimensão intelectual de um homem que sabia grego e latim, que era capaz de manter um diálogo em francês ou inglês e, se alguém pretendesse maldizer de outrem em língua alemã, que não o fizesse em sua presença, porque a sua dignidade leonística e religiosa não admitia ouvir e decodificar senão palavras de amor, lealdade e respeito à pessoa humana.